

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Editorial

O «Novo Fangueiro» vai entrar no seu terceiro ano de publicação o que nos apraz registar. Tanto quanto julgamos saber, começamos a ser o jornal de maior longevidade na terra, excepção feita a «O Fangueiro» que não teve, porém, uma assiduidade regular sobretudo nos últimos tempos. De resto, a média dos jornais de Fão não tem alcançado os dois anos.

E ao assinalarmos a efeméride, seja-nos permitido destacar em primeiro lugar o apoio dos nossos permanentes anunciantes. Têm sido de uma assiduidade e dedicação a toda a prova e nós só não vimos aqui afirmar que sem a sua ajuda não poderíamos sobreviver, porque com essa denúncia estaríamos a cometer uma grave injustiça para com o arquitecto Pádua Ramos que desde a primeira ou antes da primeira hora deu o seu aval ao «Novo Fangueiro».

Felizmente que os anúncios, como dizíamos, têm sido permanentes e o nosso jornal, no decorrer deste segundo ano, deu um certo sossego ao grande e prestante amigo de Fão, arquitecto Luís de Pádua Ramos.

Seja-nos permitido também uma saudação muito especial para os nossos colaboradores. A sua ajuda preciosa, a

jornal não traz muitas notícias locais, nós ripostamos com a afirmação de que a maior parte das assinaturas não é de Fão e que para os de fora é necessário algo que transcenda o meio local.

De resto, procuramos dar ao nosso jornal uma certa ênfase pedagógica e evocativa. Gostaríamos de personalizar a voz da razão, não uma razão dema-

SEGUNDO ANIVERSÁRIO

grande amizade que dedicam a este jornal e em consequência a assiduidade da sua colaboração enriquecem consideravelmente «O Novo Fangueiro».

Finalmente um agradecimento aos nossos assinantes muitos dos quais — a maior parte — não pertence a Fão.

É bom que se diga que da totalidade das pessoas que recebem o nosso jornal só um terço reside em Fão. Quando alguns conterrâneos, porventura menos atentos, nos fazem o reparo de que o

siado terrunha mas uma razão com alcance mais vasto que equacionasse os problemas com uma precisão mais exacta e criticasse, aconselhasse e orientasse os fangueiros da melhor maneira possível, visando os fins últimos da terra: desenvolvê-la, tendo em conta a especificidade que a caracteriza e que por isso a enriquece.

Daí um certo pendor deste jornal

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

Ernestino Gonçalves Sacramento

(continuação)

Foi pois dentro dum cenário alegre, buliçoso e farrista que se desenvolveu a mocidade do Ernestino Glória. Artista nato teve a sorte de viver num *habitat* privilegiado que fez medrar as suas inúmeras potencialidades.

Nasceu em 1892, filho de Maria da Glória e de Francisco Sacramento. Fez a 4.ª classe com a Prof.ª D. Ema Vieira e cedo, como era costume naquele tempo, embarca para o Brasil. Por lá joraneou algum tempo mas, ao fim de uns três anos, acabou por regressar. Aquilo que levou foi aquilo que trouxe: um violão. Passados tempos concorre às Finanças, é colocado primeiro em Esposende e depois em Vila do Conde onde a morte o surpreendeu aos 56 anos de idade.

Foi neste interim (conseguimos fazer o rastreio da sua vida desde 1912 a 1937) que decorreu a sua vida de boémio e de homem de teatro. Não conhe-



ceamos a data precisa em que o Ernestino pisou os palcos mas em 1912 o seu nome já era cartaz. Com efeito no Esposendense de 8 de Abril de 1912, em carta de Fão, pode ler-se o seguinte:

(Continua na pág. 5)

Um recado

ao senhor P.e Manuel Borda

«Tu és um jornalista de trazer por casa». Foi assim que o rev. Manuel de Faria Borda se nos dirigiu poucos dias após as Festas do Senhor de Fão. E tudo porquê? Apenas porque não destacámos ou mencionámos nos nossos comentários às Festas a actuação do Coral da Matriz no domingo, dia 6 de Abril, no templo do Bom Jesus.

Já é a segunda vez que o sr. P.e Borda val às do cabo por não termos aludido (concerteza com palavras laudatórias) à actuação do seu grupo coral. A primeira foi quando o grupo actuou em Esposende num festival de coros, omissão que só aconteceu por evidente lapso. Nessa altura, ao que nos disseram testemunhas oculares, o nosso preclaro maestro partiu a loiça toda em casa do Zé Barbeiro. Agora aconteceu com a exibição do coro na missa do Senhor de Fão. O P.e Borda apostrofou-nos fundibulariamente. Quem nos visse, a nós, qual menino do coro a escórripichar o vinho sobranço da missa, e a ele, de dedo em riste, faces apopléticas e de voz furbunda, pensaria que tínhamos cometido o crime do século.

O reverendo conterrâneo despejou o saco — e que saco! — e depois não nos

(Continua na pág. 4)

EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

para o Fão do passado. É imperioso que os fangueiros se consciencializem que têm uma alma própria, uma maneira de ser *sui generis* e que esse tipicismo tem as suas razões no passado histórico do burgo. A nossa terra tem uma tradição mais rica do que a actualidade. Éramos grandes outrora em iniciativas, em bairrismo, em substracto social e foi isso que deu uma certa feição cidadina à nossa freguesia. Fão dantes rivalizava com Esposende e sobrepujava-se às demais freguesias do concelho. E hoje? Consultem-se as estatísticas de foro económico, cultural e associativo e a resposta está dada. Vale-nos o turismo que os fangueiros não sabem compreender.

Talvez se entenda agora melhor por que com tanta solicitude desvelamos o passado, não para que os conterrâneos se comprazam narcisicamente nas realizações dos tempos idos, mas para que sintam ou recebam dos feitos e vultos de antigamente os estímulos e inspiração bastantes para o relacionamento desejável de Fão.

Os fangueiros dispersos pelas cinco partidas do mundo são também outra das nossas preocupações. Alguns vão e

o seu pensamento constante é a terra e o desejo permanente de a tornar a ver. Outros partem, fixam-se algures, ganham raízes e lenta mas paulatinamente vão desprendendo-se dos liames que os ligavam à terra mãe. Ora um jornal regional é o melhor embaixador de uma terra, é a sua memória e a sua presença. Faz-lhes lembrar a aldeia distante, aviva-lhes os amigos e sobretudo impede-os que se virem definitivamente para o lado de lá.

Estes são os nossos propósitos. Tem-os conseguidos?

Creemos que são objectivos que não têm barreiras como não terá barreiras a vontade de os atingir.

MANUEL GONÇALVES SACRAMENTO

AGRADECIMENTO

A família de Manuel Gonçalves Sacramento vem por este meio agradecer muito penhoradamente todas as provas de pesar e calor humano que lhe foram prestadas por ocasião do passamento do saudoso extinto.

Pagaram assinatura:

Ramiro Viana, Fão, 500\$00; eng.º Luís Ferreira, Lisboa, 850\$00; Anibal Cabeleireiro, Fão, 500\$00; Alfredo Palmeira Machado, Fão, 500\$00; António Barros Peixoto, Fão, 500\$00; António Manuel Sanches Castilho, Fão, 1.350\$00; e Armando Gageiro, Fão, 500\$00.

AUMENTE O SEU COLESTEROL

Neste mês em que o nosso Jornal completa 2 anos, fazemos votos para que as receitas habituais tenham contribuído para uma substancial subida do sr. Colesterol...

E, continuando com esse objecto, aqui deixamos mais duas receitas para comemoração condigna do 2.º aniversário da «NOVO FANGUEIRO»:

PEEIXE DE CEBOLADA À ALENTEJANA

Põe-se numa caçarola um pouco de azeite, uma camada de cebola às rodelas, alho, salsa, pimenta e umas folhas de coentros.

Deita-se sobre isto uma camada de peixe, lavado e limpo, e uma camada de batatas por cima do peixe.

As batatas so também às rodelas, e sobre elas deita-se calda de tomate, mais azeite e uma folha de loureiro.

Tapa-se a caçarola e vai a ferver em lume brando, agitando várias vezes para não se pegar ao fundo.

Quando a batata está cozida, o prato está pronto.

Que tal? Vamos experimentar?

E para a merenda, que tal uns biscoitos? Vamos ver:

FIDALGUINHOS DE BRAGA

Farinho de trigo — 500 gramas.

Açúcar — 250 gramas.

Manteiga — 125 gramas.

Leite — meio litro.

Bicarbonato de sódio — 1 colher de chá.

Faz-se uma massa e, quando estiver pronta, fazem-se com as mãos umas torcidas fininhas, que vão ao forno a cozer, até alourar, em tabuleiros untado com manteiga.

E por hoje é tudo. Oesejando a habitual subidazinha do sr. Colesterol, por aqui nos despedimos, até Junho, se Deus quiser.

Tia Mariquinhas

Rotários brasileiros no Rotary Club de Esposende

Em viagem de estudo encontra-se em Portugal um grupo de brasileiros que na sua estadia entre nós serão hóspedes dos rotários portugueses. A visita ao Rotary Clube de Esposende efectuou-se no dia 20, no Hotel do Pinhal onde o clube local reúne normalmente.

Esteve presente na recepção aos rotários brasileiros a Prof.ª D. Laurentina Torres, em representação do Presidente da Câmara que, num breve improviso, saudou todos os presentes, tecendo palavras de louvor ao movimento rotário pois é uma fonte de cultura e estabelece pontes de amizade entre todos os povos.

Os hóspedes brasileiros permanecerão alguns dias em Portugal e depois seguem para outros países da Europa.



O descanso desejado...

HOTEL DO PINHAL ★★

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)



Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.



UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

estamos a construir um banco do futuro

Festas da Santa Cruz

Com solenidade especial realizou-se no dia quatro deste mês a festa da Santa Cruz, de longa tradição na nossa terra. Celebrou-se missa no templo da Alameda que foi acompanhada a cânticos pelo coral da Matriz sob a regência do maestro Faria Borda.

Na parte da tarde saiu a procissão do Bom Jesus que esteve, porém, ameaçada, devido à chuva miudinha que se fez sentir ao longo do dia, mais precisamente até às 16 horas. Nessa altura exacta parou, mas mas quando o páleo ia nas Pedreiras o céu toldou-se e as pessoas pensaram: «Os das Pedreiras não estão na graça de Deus». Mas não, foi só um ameaço. Os moradores da Serpa Pinto passaram na prova da chuva.

Foi realmente um cortejo majestoso. A abrir vinha a Fanfara dos Escuteiros, um bocado desfalcada de raparigas mas com um grupo de rapazes muito compenetrados. O terno de clarins é de respeito. Seguiram-se muitos anjinhos com predominância de Senhores Bom Jesus. Eram uns dez. Havia muito povo incorporado, inclusivé turistas holande-

ses que se fartaram de tirar fotografias.

Os bombeiros também se incorporaram na sua máxima força e com muito garbo. Foi agradável vê-los desfilar cadenciados ao som da banda, impecavelmente fardados, muito solenes, embora se distinguisse bem aqueles que foram tropa e os que não foram.

A Banda dos Voluntários de Esposende, muito certinha, fechava a cortejo.

De notar que Fão integralmente interveio nesta festa, nomeadamente na feitura do tapete que ornou as principais ruas da vila. Espectáculo de rara beleza, foi ao mesmo tempo uma manifestação de fé e de bairrismo. Este povo quando quer, ninguém o iguala. Mas é só quando quer... Se nos permitirem (esperamos que não devolvam jornais) o melhor troço do tapete situava-se junto à casa da Lulu. Aquele fundo verde estava sensacional.

Um nítido foguetório fez-se ouvir durante todo o dia e com mais intensidade no fim da procissão.

Parabéns à Comissão 1986.

Os pátios

Todos os fangueiros conscientes estão à espera da conclusão das obras do edifício, ou antes, do ex-edifício do Galo D'oiro que em tempos antigos serviu também de estação de correios. E tudo por causa daquele pátio antigo que é uma dos últimos espécimes dos pátios que dantes ornamentavam e distinguíam a terra de Fão. A traça do edifício seria de manter e o estudo das novas obras devia ter sido entregue a um arquitecto competente. Claro que a vontade dos proprietários seria a de fazer um edifício mais funcional e menos preocupado com estas coisas de estilo. Terá a Câmara de Esposende salvaguardado o regionalismo arquitectónico de Fão? Esperemos que sim, pois essa foi uma das promessas garantidas pelo senhor Presidente da Câmara durante as campanhas eleitorais.

Depois há que contar com o velho truque, isto em relação aos pátios. Os técnicos da Câmara vêm, aprovam a obra e o pátio, numa qualquer noite seguinte, é deitado abaixo.

Lembramos a propósito que a Câmara do Porto, mandou desfazer na Avenida dos Aliados toda a fachada dum Banco, obrigando a respectiva Administração a recuperar a frontaria desfeita. E as obras já tinham sido concluídas há anos.

De modo que se o pátio desaparecer, não restará à Câmara outra alternativa que não seja mandá-lo reconstruir tal qual como está.

Centro de Saúde

Foram feitas adaptações à cantina Joaquim Mariz para funcionar como Centro de Saúde. As obras já terminaram e o Centro já devia funcionar pelo menos em Março. O certo é que ainda não funciona.

A propósito: o referido centro adaptado vai dispôr de três gabinetes médicos e um de enfermagem; só que o respectivo arquitecto se esqueceu de uma pequena sala de espera para os doentes. Não fará sentido que estes permaneçam de pé, no corredor ou na rua, à espera de serem atendidos. Sem obliterar a traça, cremos ser possível o arranjo de tal sala na parte poente do edifício.

Campo de Golf em Ofir

Num destes domingos, dia 20 de Abril, estive em Fão o Secretário Nacional de Turismo, dr. Licínio Cunha, para se inteirar *in loco* da excelência do terreno para o decantado campo de Golf de Ofir, antigo sonho de Sousa Martins que na época de 50 trouxe até nós o reputado técnico Mackenzie Ross que na altura emitiu a opinião de que aqueles terrenos permitiam a constru-

ção do melhor campo de golf da Europa.

Como se sabe, há uma empresa espanhola interessada na sua construção e exploração, mas a Câmara de Esposende procura assegurar, ou melhor, procura interessar neste empreendimento a empresa turística Sopete, uma vez que o campo da Estela (iniciativa daquela empresa poveira) foi rejeitado pela Comissão Nacional de Ordenamento territorial.

Escusado será dizer que um campo de golf em Ofir torna-se quase vital para a sobrevivência dos hoteis da zona.

Podemos dizer que o hotel Penina do Algarve mantém uma boa taxa de ocupação graças à existência do seu magnífico campo de golf.

O golf é um desporto que se pratica todo o ano.

Doente

No hospital de S. João, Porto, foi submetida a uma operação do fôro cardiológico a nossa prezada assinante Maria Adelaide Mendanha.

A intervenção decorreu com êxito e esta nossa conterrânea já se encontra em Fão.



o que é bom da natureza



A TESOURA DA VIDA

Quem me dera ser poeta
E português bem falar
Para o povo desta terra
Junto comigo lutar.

Começava por fazer
Justiça humana ao Abreu:
A uns deixava-os morrer,
A outros matava-os eu.

No jornal «Novo Fangueiro»
Fala-se do antigamente
Para mim está primeiro
Falar do agoramente...

UM RECADO AO SR. P.^E MANUEL BORDA

(Continuado do pág. 1)

quis ouvir pois tinha muita pressa para ir dizer missa.

Dai este nosso recado.

Queremos dizer em primeiro lugar que há muita falta de civismo em Fão, e quando dizemos civismo queremos significar atenção ou cortesia. Era minimamente crucial que quando se realizasse qualquer acontecimento de relevo na terra, os seus agentes ou promotores tivessem uma deferência com o jornal local, elucidando-o do que vai ou está para acontecer. Normalmente nada disso se faz — o jornal é pura e simplesmente esquecido — e depois exige-se que o periódico dê esta ou aquela notícia.

No que concerne ao coral da Matriz, queremos lembrar que em tempos pouco recuados dedicámos-lhe quase meia página do Jornal de Notícias com referências li-songeiras e fotografia do grupo. Quanto ao seu responsável «O Novo Fangeiro», no seu número de 10 de Fevereiro, distinguiu-o com o Perfil do Mês. Nessa altura fomos bestiais e agora somos umas bestas. O costume.

É humano que o P.^e Faria Borda tenha uma grande adoração pelo seu conjunto musical e que goste de ouvir referências agradáveis à sua actuação. Nós próprios e de resto toda a população fangeira sintonizamos empaticamente com o seu categorizado Director no que ao orfeão diz respeito. Disso é prova a multidão de conterrâneos que normalmente acompanha o coro da Matriz nas suas deslocações, como aconteceu há um ano na Igreja de Esposende. Ainda quando o grupo actuou na televisão, estamos certos que nunca tantos

fangeiros assistiram à missa dominical como naquele dia. O P.^e Borda foi justamente cumprimentado e as pessoas de Fão não se cansaram de o felicitar.

Efectivamente o orfeão da Matriz é uma criação do seu maestro que nele investe muito saber e competência e com o qual gastou muitas horas e dispense esforços, sempre numa ânsia de aperfeiçoamento que não conhece metas. É justo e humano que o seu Director sinta que apreciam o seu trabalho. Nós, já por mais de uma vez, manifestamos esse apreço.

Em contra-partida, caro P.^e Borda, o senhor vem caindo desde há dois anos no mesmo pecado de que nos acusa — sem razão — e nós nunca o apodámos de fangeiro de meia tigela.

É que também fundámos e dirigimos uma instituição local que é este jornalzinho chamado «O Novo Fangeiro». Já alguma vez pensou a que é ter um jornal numa terra como é Fão? Pode ter a certeza que esta ilustração que o senhor recebe mensalmente e depois lança para o caixote do lixo é também um milagre de amor e de trabalho permanentemente renovado.

Repore que «O Novo Fangeiro» traz normalmente oito páginas e que o Director

escrevo pelo menos seis. Avalia o que significa escrever seis páginas de um jornal com a agravante de permanecermos apenas em Fão dois dias em cada semana? Só uma amostra: para traçarmos este perfil de Ernestino Sacramento, gastámos na Biblioteca Municipal do Porto nada menos que trinta horas a vasculhar os jornais da região e da época. Quando foi do P.^e Chaves, o coisa não ficou por menos. Depois há todo o trabalho restante que vai da correcção de provas (com idas à Póvoa) até ao envio dos jornais para o correio, trabalho este que só pode apreciar quem nele estiver metido.

Não vamos aqui estabelecer uma hierarquia de valores mas estamos em crer que um jornal como o nosso ultrapassa em termos de pedagogia, eficácia bairrista, cultura e alcance histórico a actuação de um coro paroquial.

Admitamos, porém, que não o ultrapassa mas que, quando muito o iguala. Alguma vez o senhor, P.^e Manuel de Faria Borda, teve qualquer palavra de gratidão ou de estímulo para o Director de «O Novo Fangeiro»? De há dois anos a esta parte, tantos quantos anos de vida tem o nosso jornal, a única coisa que nos disse é que que não passávamos de um jornalista de trazer por casa!...

Sans rancune

Armando Saralva

PELO FUTEBOL

Fão pode subir de divisão

Os últimos desafios de futebol conheceram os seguintes resultados:

Fão, 2 - Tibães, 0; Nine, 0 - Fão, 0; Fão, 1 - Apúlla, 0; Louro, 3 - Fão, 1.

Como se verifica a rapaziada não se tem portado nada mal e se tudo seguir como até aqui o nosso grupo representativo tem possibilidade de subir à 1.^a Divisão da A. F. de Braga.

Entretanto informamos que o nosso conterrâneo, dr. José Albino, deixou de treinar o Esposende logo após o jogo em casa com o Ponte da Barca em que o grupo local perdeu por 1-0.

Disse-nos o ex-técnico esposendense que se apercebeu durante o jogo de atitudes menos convincentes por parte dos seus jogadores que o desgostaram e o levaram a pedir a demissão.

Foi substituído no cargo pelo seu adjunto, prof. Amorim.

Bar President

O bar President é um acolhedor «pub», situado junto à praça que o nosso amigo Carlos Sárria montou e decorou há uns anos atrás. Atingiu uma certa vaga mas com a transferência do seu proprietário para a Póvoa de Varzim começou a decair e acabou por fechar. E foi pena porque Fão necessita de locais nocturnos para entretenimentos dos turistas que nos visitam.

Até que em Abril passado o Albano aliciou, para sócio o dinâmico empresário, dr. João Paulo Gomes, o homem do futebol de Esposende, e ambos voltaram

a dar vida àquela casa que em tempos poucos recuados atingiu certo nome.

Como acima referimos, trata-se de um local bastante agradável onde as pessoas se sentem bem.

As bebidas são as mais diversificadas, existindo ainda uma gama de agradáveis chás que fazem a delícia das senhoras e também daqueles a quem os médicos prescrevem uma dieta mais redutora, não é verdade Tony?

Enfim, lenta mas adequadamente Fão vai-se preparando para o próximo embate com a C.E.E.

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, L.D.A

création | ARMAÇÕES — OCULOS SOL

AZAL

RUA DA MISERICORDIA, 2-16 — 4700 BRAGA • TEL. 75777

Ernestino Gonçalves Sacramento

(continuado da pág. 1)

«ao espectáculo chamamos as pessoas que queiram encher uma barrigada de riso com as cenas cómicas do Ernestino Glória, e o papel do Gaifém que é o verdadeiro papel da sua vida de estroina nestes últimos tempos».

Que espectáculo foi este? Quem o organizou? Não sabemos o nome mas conhecemos o programa: «O crime — drama em um acto; cançonetas: «com o meu chapéu», «u-lá-lá», «não é verdade, menina?», comédia em 1 acto». Realizou-se na primeira semana de Abril de 1912. Foi organizado pela «Troupe Dramática Musical Fãozense», que era constituída por Manuel Ribeiro da Fonseca, Ernestino Morais Sacramento, António Pinheiro, Manuel Fernandes Gaifém e Lamek Barra, «cinco

rapazes de génio», como lhes chamava o jornal.

Na altura o ensaiador era José Borda.

Daqui se conclui que o Ernestino desde muito cedo tomou parte nas récitas de teatro da terra, primeiro como actor e mais tarde como organizador, ensaiador, «compere», instrumentista, etc.

Esta nossa opinião, fundamentada nos jornais da época, colide com aquilo que nos disseram quer a Miquinhas Turra, quer Rosalina da Silva Gageiro que se lembram do Ernestino apenas e sempre como ensaiador.

«Eu — disse-nos Rosalina Gageiro — e mais duas irmãs Rosália e Conceição Vilachã, fomos as primeiras moças a entrar no teatro em Fão e o Ernestino foi quem nos ensaiou».

A isto nós acrescentamos que vem de mais longe o jeito e o costume das moças de Fão tomarem parte nos espectáculos teatrais cá do burgo. A este propósito vamos transcrever outra correspondência de Fão, desta vez de 1890, também do Esposendense: «Saúdo as três amadoras, não pelo correcto desempenho dos seus papéis, mas pela esperança que nos fazem nutrir de que virão a ser três distintas cultivadoras da bela arte da Talma, instruindo-se e nobilitando-se a si e à sua terra.

A elas, às três incipientes actrices Armandina, Carolina e Rosa as nossas felicitações que são de todos que assistiram ao espectáculo de domingo».

(Continuamos no próximo número. Propositadamente alargamos este perfil para trazermos algumas achegas à história do teatro em Fão).

Pavilhão Gimnodesportivo

Um pavilhão gimnodesportivo é uma aspiração um tanto antiga da gente fanguieira. Em tempos um grupo de residentes locais reuniu-se nos Bombeiros e daí saiu uma comissão que tinha por objectivo único a construção do referido pavilhão.

Contactado, o Presidente da Câmara declarou que não era precisa nenhuma comissão pois os fanguieiros teriam o seu pavilhão durante o ano de 1986.

Já estamos no dia 10 de Maio, data de aniversário de «O Novo Fanguieiro» ...

Consultório médico

Na rua de Cima, mesmo em frente à redacção de «O Novo Fanguieiro», abriu o seu consultório médico o dr. João Veríssimo que exerce também funções clínicas no nosso Hospital.

E assim, vejam lá, uma rua que até há pouco tempo vivia discreta e apagada, começa a adquirir uma certa notoriedade.

Os C.T.T. e «O Novo Fanguieiro»

Repetidamente várias pessoas se nos têm queixado que o nosso jornal não lhes chega às mãos. Ainda esta semana uma prezada colaboradora nos informou que há já dois números não recebe o jornal em Lisboa. Do Brasil também recebemos queixas e de Braga idem aspás.

Ora o envio dos jornais é feito com todo o rigor e por gente da casa. Somos nós próprios que os vamos levar à estação dos C.T.T. na Trindade. E depois? Depois alguns jornas não chegam ao seu destino.

Já temos pensado se o pessoal dos C.T.T. não se alijara de alguns exemplares para diminuir a carga de trabalho. Recusamos, porém, a admitir tal hipótese por absurda, mas que os jornais se extraviam nos C.T.T. isso é uma verdade incontroversa.

Solicitamos entretanto às pessoas que não tenham recebido qualquer número o favor de no-lo comunicarem.

Conferência Europeia

DE GUIAS E ESCUTAS EM OFIR

A nossa terra foi palco da 3.ª Conferência Europeia de Guias e Escutas que trouxe até aos hotéis de Ofir 350 delegados de 24 países da Europa.

Estas reuniões realizam-se de três em três anos e a última realizou-se em Assis, Itália, no ano de 1983. Nessa altura Portugal e Holanda candidataram-se à conferência de 86, tendo a escolha recaído no nosso país.

A reunião teve o seu início na tarde do dia 2 com uma celebração realizada pelo arcebispo de Braga, D. Eurico Nogueira e por D. Doniel Pina Cabral do culto angélico.

A noite, na sessão de boas-vindas, esteve presente o Prof. João de Deus Pinheiro, Ministro da Educação que dirigiu uma pequena alocução.

O tema da conferência abrangeu basicamente três tópicos: os meios de comunicação e as relações públicas, a evolução do papel do homem e do mulher e Escutismo e Guldismo para menores de 8 anos, dividindo-se os congressistas em vários grupos de trabalho durante seis dias.

Paralelamente foi cumprido um programa social que incluiu passeios turísticos, programas de variedades e ofertas.

Os trabalhos findaram no dia 18 de Abril.

A secção de Columbofilia fez na altura uma largada de pombos para comemorar o evento, tendo recebido em retribuição duas valiosas taças cuja valor atinge a vintena de contos.



Estes miúdos impecavelmente vestidos faziam parte da Marcha Infantil que com tanto agrado se exibiu na sexta-feira do Senhor de Fão.

AS PESTES EM FÃO

(Continuado do número anterior)

II — Família Teixeira:

Gracinda de Jesus Teixeira, Virgínia de Jesus Teixeira, padre Job Teixeira de inesquecível contributo para o sossego da população atormentada, José de Jesus Teixeira, Maria Josefa Angelina, que morreu com 100 anos e 3 semanas e Maria Adelaide de Jesus Teixeira.

Todos sobreviveram mas, ficando bastante marcados pela força da doença.

III — Linã Gonçalves Figueiredo:

Com 74 anos, na altura com 10 anos, recorda-se de estar a brincar no quintal com outras crianças, quando lhe começou a doer a garganta e a cabeça.

Foi para casa e como estava sozinho, deitou-se e adormeceu.

Quando acordou, tinha uma sede devoradora e estava a arder em febre. Tentou levantar-se e como não o conseguisse, arrastou-se até à cozinha.

Pela primeira vez pensou que estava a morrer e morrer por morrer, queria morrer saciado.

Pegou num pedaço de pão e num pouco de água e saciou a fome e a sede.

Aos poucos e poucos começou a melhorar, ao mesmo tempo que a epidemia começava a desaparecer.

1917/1918, Fão, 33 mortos (desde o Verão)/52 mortos de todos os escalões etários.

1918: óbitos — Janeiro, 5; Fevereiro, 5; Março, 5; Abril, 3; Maio, 3; Junho, 6; Julho,

6; Agosto, 5; Setembro, 2; Outubro, 12; Novembro, 6 e Dezembro 2.

Além de pneumónica, localizámos outra epidemia, predominantemente infantil, por volta de 1923/24, com maior incidência em 1923, onde morreram 56 pessoas, na sua maioria em Setembro (18).

1923, Fão, 56 mortos, epidemia infantil: Janeiro, 5; Fevereiro, 2; Março, 1; Abril, 3; Maio, 5; Junho, 2; Julho, 2; Agosto, 3; Setembro, 18; Outubro, 8; Novembro, 5 e Dezembro 2.

CURIOSIDADES:

Enquanto analisávamos os livros de registo de óbitos, fomos atentando nas profissões das pessoas falecidas e começámos a constatar a predominância de algumas delas, consequência do meio social, da mentalidade e desenvolvimento de um povo.

Profissões: 1860/1927 — Mulheres — Agenciária (?), caladeira, comerciante (1), cabeleira, costureira, doceira, doméstica (a maioria), jornaleira, lavadeira, serviçal e tecedeira.

Homens — Artista (tralha), afunilador, barbeiro, caixeiro, carpinteiro, caiador, cocheiro, estudante (1), empregado comercial, ferreiro, farmacêutico, jornaleiro, lavrador (a maioria), marítimo (grande parte), pedreiro, pescador, proprietário (?), soldado da marinha portuguesa (1) e vendeiro ambulante (?). — feirante (?).

1927/1931: **Mulheres —** Doméstico (na

maioria), costureira, jornaleira, lavadeira, lavadeira e serviçal.

Homens — Cantoneiro, guar-fiscal (1), industrial (1) e vendedor ambulante.

A pessoa que viveu mais tempo, na freguesia de Fão, entre 1860 e 1931, foi:

— D. Constantina Rosa, de 100 anos, de pais incógnitos, que morreu no dia 6 de Março de 1873.

— Maria Josefa Angelina, que morreu com 100 anos e 3 semanas.

BIBLIOGRAFIA:

— Livro de registos de óbitos das freguesias de Fão e Esposende: 1860 a 1916/1917 a 1918/1919 a 1927.

— Artigos do jornal «Renascença».

Este trabalho foi realizado pelas alunas do 11.º ano Cecília Cristina Maria Pedras Correla e Almerinda Solinho, sob a orientação do dr. Joaquim Peixoto.

(*) Designação dada aos médicos policlínicos da altura.

Promessas

Durante o período de eleições foi decidido atribuir à secção de canoagem do Clube Fãoense um subsídio de esc. 120.000\$00. O jornal oficioso da Câmara deu a notícia mas até hoje o Club Fãoense não recebeu daquele órgão qualquer verba para a sua secção de canoagem.

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.º — Telefs. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZENS:

Rua Roberto Ivens, 903 — Telef. 930647
4750 MATOSINHOS

A vasta coleção «Dicionários Editores» acaba de ser enriquecida com a publicação da 8.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa.

Uma obra invulgar para o nosso país, feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria gramatical, como de especialidade. Enriquizada não só no aspecto etimológico, com muitas novas palavras relativas à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento da aplicação de optativas e locuções estrangeiras.

O Dicionário da Língua Portuguesa — 8.ª edição — é a mais abrangente e actualizada obra de referência de termos técnicos e científicos.

Dicionários EDITORA



PORTO EDITORA, LDA.
LIVRARIA ARNADO, LDA.
IMP. L. FLUMINENSE, LDA.

Rua da Prata nº 41, 4150-300 PORTO, Portugal
Rua do João Machado, 9-11, Apart. 302, 2007 COMBRIA, Coimbra
Rua de S. João, 200, 4750-100 MATOSINHOS

A ACTIVIDADE FLORESTAL

A sua defesa e contribuição para o desenvolvimento

Através de um processo de desenvolvimento os países melhoram a sua capacidade para proporcionar um maior bem estar à população.

Os povoamentos e a vegetação florestal contribuem de forma múltipla para a economia — fornecendo produtos básicos e para fins industriais —, além de intervir na protecção do meio ambiente e na actividade alimentar.

Para converter os processos de alteração dos recursos florestais e determinar o que é que pode ser a sua contribuição para o desenvolvimento da sociedade, não se podem impor modelos universais, devendo-se encontrar soluções diferenciadas.

A complexidade de um sistema florestal e a importância dos seus produtos revelam que a sua gestão e o seu funcionamento não podem competir, exclu-

sivamente, ao Governo Central, mas necessitam da comparticipação de todos os que nele estão implicados.

Assim será necessário promover a confiança e o apoio das populações, das associações, das autarquias e planear com base no meio sócio-cultural onde se insere.

O desenvolvimento da indústria florestal deve visar o aproveitamento integral dos produtos, sendo desejável que constitua uma alternativa rentável para os camponeses, por um lado, e, por outro, que não destrua o ambiente local.

O fomento e a defesa da floresta implicam, entre outros requisitos, a existência de estruturas adequadas; a educação rural; recursos humanos qualificados para a sua gestão, etc.

Mas, independentemente do muito e

vário que há a fazer para o melhor aproveitamento dos recursos florestais pela comunidade, sabe-se que, a nível mundial, as florestas e o equilíbrio ecológico correm sérios riscos de destruição e alteração por motivos vários como os incêndios, poluição, desertificação por falta de planeamento e outros.

Por isso se entende que defender a floresta é também um acto de solidariedade e de consideração para o futuro das próximas gerações.

F. OLIVEIRA

FALECIMENTOS

Ao fim de um longo e doloroso sofrimento, faleceu em França, Nantes, o nosso conterrâneo José Graça Ferreira, mais conhecido pelo Zé Puta.

Pressentindo a morte, pediu que o seu corpo fosse sepultado em Portugal, mais especialmente em Esposende, terra de naturalidade de sua Esposa, desejando insistentemente que o seu enterro tivesse a comparência dos Bombeiros de Fão, uma vez que durante alguns anos pertenceu ao seu corpo activo. Deixou este recado ao nosso conterrâneo e bom amigo António Torres que o visitou insistentemente sobretudo na última fase da doença.

● No dia 28 de Abril faleceu em Fão, no Lar da Terceira Idade, Maria Martins dos Reis, com 85 anos de idade.

● No dia 29 do mesmo mês faleceu igualmente na nossa terra Abília dos Santos Graça, com 83 anos de idade.

É a geração dos octogenários que lentamente vai desaparecendo.

As famílias enlutadas os nossos pésames.

NOTÍCIAS VÁRIAS

ENTRE NÓS

Tivemos o prazer de abraçar em Fão o nosso amigo e assinante Marcos Reis que esteve em Fão, acompanhado de sua Esposa.

Infelizmente o motivo da sua rápida estadia foi a morte de sua sogra. Sabemos entretanto que o Marcos se vai aposentar e finalmente vai passar a residir de vez entre nós a partir de Julho.

Assembleia de Freguesia

Rezam os estatutos (ordenamento jurídico das autarquias) que as assembleias de freguesia reúnem quatro vezes por ano, sendo a primeira até ao fim do mês de Abril. O certo é que entre nós nada de novo no Alcazar...

Caro engenheiro Zé Manel: não vai seguir a senda dos seus predecessores, pois não?

GRUPO SEARA VERDE

Existe em Fão actualmente um grupo musical Seara Verde de que é responsável artístico Armando Solinho. O conjunto dispõe de variados instrumentos e tem actuado em festividades tanto da terra como de fora. Nas Festas do Senhor de Fão animou com muito agrado a noite de domingo.

Entendemos que devia ser devidamente estimulado já que a gente fangueira tem especial propensão para a música e o Seara Verde poderia ser um alfobre de novos valores artísticos.

Camaradas de Tropa

Os camaradas de tropa do nosso amigo Abel da Costa tiveram mais uma reunião anual para comemorar os saudosos tempos de quartel da época 1933-34.

A reunião dos simpáticos avôs iniciou-se na cidade do Porto e terminou em Fão com um opíparo almoço na Rita Fangueira.

Todos se despediram com aquele abraço e com juras de que para o ano há mais.

ESPORÕES NA PRAIA

Como tínhamos declarado no último número, vão recomençar de novo as obras de defesa da nossa praia, não só continuando o pontão das Pedrinhas, mas iniciando a construção de mais dois, um na Bonança e outro mais a norte, no início da Restinga.

Com efeito, os técnicos chegaram à conclusão que as obras das Pedrinhas pouco préstimo iriam provocar, o que aliás era opinião generalizada entre os pescadores locais.

Como reflexo das medidas anunciadas, os preços das casas de Ofir, andares das torres e vivendas do pinhal, começaram a subir em flecha.

Reafirmamos que se trata do melhoramento mais importante conseguido para a nossa terra, já que a nossa vocação permanente foi e será sempre o mar.

Fão é uma terra eminentemente turística.



o melhor café
é o da

A BRASILEIRA
PORTO

© NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

COLABORAM NESTE NUMERO:

Dr. Armando Saraiva
Dr.º Mario Emilia Corte-Real
Tia Mariquinhas
Cecília Polvão Amorim
Dinis de Vilarelho
Sérgio Mendonça
Quim Muata

PROPRIEDADE:

Armando das Santos Saraiva
José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318
4490 Póvoa do Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual 500\$00

A cobrança de «O Novo Fangueiro» através de «Os Correios» será por conta do assinante



por ZINHA

E mais outra festa do Senhor de Fão!

Já há muito aqui estava a primeira barraca (passou o Natal connosco). Era a barraca do Sr. Domingos, de tiros, matreco e máquinas que esteve durante muito tempo em trabalhos de reparação e pintura. Antes do Domingo de Páscoa, chegaram duas valentes «roulottes» — as farturas poveiras, clientes desta festa há já dezanove anos!

A seguir todos os preparativos desde a iluminação da capela ao levantar dos mastros com as bandeiras até à colocação do arraial. Depois a chegada dos divertimentos — duas pistas infantis de carros, motas e bicicletas. Que alegria para as crianças! Eu associava-me a elas. Como miravam e remiravam duas «Suzuki» amarelas, novinhas e com espelhos retrovisores! Algumas crianças até faziam o gesto de as montar, mas ficavam-se pelo gesto... A seguir o carrocél, tanta gente para o armar, caras cansadas, roupas tão sujas! Depois as cestas, os carrinhos, tanto onde gastar dinheiro!

E tudo corria logo que outra barraca chegava! Desta vez a de brinquedos e quinquilharias. Em breve, cordas

Rosas e canções

Chegou a Primavera...
 Ficou o pessegueiro engalanado,
 A macieira pôs a sua touca
 E o dilatado prado
 Colocou o tapete esmeraldino;
 Pelo jardim, a borboleta louca
 Passou beijando o rouxinol
 Tocou o seu violino,
 A brisa perfumada
 Trouxe a orquestra afinada
 De inúmeros cantores,
 E o sorridente sol
 Espalhou pelo ar e pelo chão
 A melena dolrada.

E eu tenho rosas na mão
 E canções no coração.

DINIS DE VILARELHO

nas árvores, roupa a secar, que o vento fustigava. Também a acompanhar alguns animais domésticos — galinhas (presas por uma pata) e cães. É muito interessante esta montagem e esta vida no recinto da festa! As idas ao tanque, à água, as compras de hortaliças e legumes às mulheres que manhã cedo vão para a praça, o tomar o leite com as sopas dentro, o ferver do caldo, o cheiro a bacalhau frito. Tudo isto faz parte da minha festa! Também não faltou um estendal mal amanhado de «comes e bebes». Sábado de manhã, grande azáfama ali, no arranjo de frangos para churrascar. Sábado de tarde, fogo ateado, fumo muito fumo, brasas gastas, frango por churrascar... Dá-me ideia que fizeram pouco negócio, Deus queira que para o ano não venham para meu sossego... Depois o «Pavilhão de Musik» — Discoteca, a atirar cá para fora as mais recentes novidades em disco, três e quatro ao mesmo tempo! Pouca saída tiveram as Bandas, muito pouca gente a apreciar as suas músicas. Enfim, mudam-se os tempos, mudam-se as vontades. As visitas ao Senhor Bom Jesus, o beijar a Sua corda, as Suas

chagas, o acariciar a Sua face, o apreciar o sempre belo tapete de flores com que nos presenteiam os irmãos Matias, tudo isto é a nossa festa! A Procissão aos enfermos com muitos anjinhos e papás de anjinho também a tirar retratos para a posteridade, são coisas que vão passando de geração para geração. As mulheres do doce branco (doce de gema), procurando fazer o seu negócio: vai um quilinho de doce, vai?

Como sempre, também o vento e o frio estiveram presentes. Por várias vezes a chuva a ameaçar, mas valeram com certeza muitas preces dos fangueiros...

Gente para trás e para a frente, sorrisos, cumprimentos, abraços de quem já não se vê há um ano, pares de namorados enlaçados, música, barulho, campainhas a dar o sinal de partida e chegada nas pistas, tudo isto constitui a festa do Senhor Bom Jesus de Fão, que, mais uma vez em cada ano, um punhado de gente procura levar a cabo e que constitui motivo de alegria para todos os fangueiros e motivo de saudade, tenho a certeza, para aqueles que de todo não podem estar presentes!

O Mundo em que vivemos

DUAS VELINHAS VERDES

É mesmo assim: eram precisas duas velinhas verdes, para um bolo de aniversário. Não azuis, como costuma ser para os rapazinhos, nem cor de rosa como é hábito para as meninas. Verdes é que tinham de ser, porque é a cor predominante de «O Novo Fangueiro».

É verdade! É mesmo isso que estão a pensar: quando este número do jornal lhes chegar às mãos, ele acaba de completar 2 anos de vida.

E podem lá os leitores imaginar o que são 2 anos na vida de um jornal! Quantas lutas, quantos desânimos, quantos problemas, quantas faltas de inspiração, quantas dificuldades!

Mas um jornal como este não se faz só com o cérebro, faz-se também com o coração.

E por isso todos os obstáculos vão sendo vencidos, a vontade triunfa, e os artigos, as crónicas e tudo o mais lá aparece, certinho, a tempo e horas de o jornal sair para a rua na devida altura.

É por isso que queríamos para «O NOVO FANGUEIRO» um grande bolo de aniversário feito da dedicação de todos nós, e nele colocadas, firmes, as velas da nossa esperança, duas velinhas verdes a brilhar!...

E. Real

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
 FÃO